

OS SEIS DEFIXIONES DE SAGUNTO

A vingança dos saguntinos através das práticas da magia

Bacharel: Carlos Eduardo da Costa Campos (NEA/UERJ)

Orientadora: Prof.^ª Dr.^ª Maria Regina Candido (NEA/UERJ)

As definições e a matriz da magia de fazer mal ao inimigo

O termo grego é a palavra *Katádesmos*, porém o mais usado é a terminologia latina, *tabellae defixionum / defixiones*. Segundo definição de Candido³⁹ “o termo *de/defixio* ou *kata/katademos* sugerem o movimento de ligar a alma de alguém junto aos mortos no mundo subterrâneo”. Quanto à historiografia de cunho anglo-saxão⁴⁰, há preferência no uso do termo *curse tablets*, o que causaria alguns problemas, já que nem todas as placas encontradas são de maldição.

O tema sobre as lâminas de chumbo identificadas como defixiones nos remete à polis dos atenienses, região na qual foi encontrado um número significativo de tabletes, cuja datação mais remota é do século V a.C. Os defixiones de Atenas foram estudados por Daniel Ogden em *Magic, Witchcraft, and Ghosts in the Greek and Roman Worlds* (2002); por Maria Regina Candido, em *A Feitiçaria na Atenas Clássica* (2004); e por Tricia

³⁹ Ver obra de CANDIDO, Maria Regina. “*A Feitiçaria na Atenas Clássica.*” Rio de Janeiro: Letra Capital/FAPERJ, 2004, p. 15.

⁴⁰ De acordo com os termos utilizados BEARD, Mary; NORTH, John e PRICE, Simon. *Religions of Rome, volume 2- A Sourcebook*. Cambridge: University Press, 2008, p.266 e Daniel Ogden, em “*Magic, Witchcraft, and Ghosts in the Greek and Roman Worlds: A Sourcebook*. New York: Oxford University Press, 2002, pp. 210-212.

Magalhães Carnevale, em *Katádesmos: Magia e vingança dos atenienses através dos mortos* (2008).

Na maioria dos casos das *tabellae defixionum* analisadas, os deuses evocados possuem características ditas ctônicas. De acordo com Maria Regina Candido, os deuses evocados pelos defixiones gregos e romanos tendiam a ser dedicados a divindades ctônicas como, Hermes, Hekate, Hades, Perséfone, e as potências sobrenaturais do mundo subterrâneo, como Cérbero e Caronte.⁴¹

O pesquisador Pulleyn, na obra *Prayer In Greek Religion*⁴², nos aponta que esses atributos ctônicos estão relacionados aos deuses que possuem uma ligação com a terra e o mundo subterrâneo. Pulleyn destaca, em seus estudos, que as divindades eram evocadas porque a qualidade ctônica era vista como obscura e misteriosa, além de haver uma associação da justiça com a terra. O estudioso Valerie Flint, em *Witchcraft and Magic in Europe*⁴³, apresenta uma visão divergente à de Pulleyn. Flint reflete que a qualidade ctônica tem pouca relação com as preces por justiça, sendo estes cultos geralmente direcionados à principal divindade da região, não necessariamente ligada à terra ou ao submundo.

A pesquisadora Tricia Magalhães Carnevale, em seus escritos sobre o par Hermes-Hekate, argumenta que, em Atenas, o mago poderia vir a se valer das almas de pessoas tidas como especiais no desenrolar da magia, como sendo o elo que vai ligar os solicitantes aos deuses ctônicos. Tais almas seriam de indivíduos falecidos, no que chamamos de “fora do tempo do ciclo de vida”. O ciclo seria composto das fases:

⁴¹ CANDIDO, Maria Regina. *Magia do katádesmos: téchne do saber-fazer*. In: Revista *Hélade* nº03, 2002, pp.29.

⁴² Ver PULLEYN. Simon ‘*Prayer In Greek Religion*.’ Oxford: Clarendon Press: 1997, p.90.

⁴³ FLINT, V.; GORDON, R.; LUCK, G.; OGDEN, D. *Witchcraft and Magic in Europe: Ancient Greece and Rome*. London: The Athlone Press, 1999, passim.

nascimento, crescimento, reprodução, envelhecimento e morte.⁴⁴ As pessoas consideradas como mortas antes do tempo seriam mulheres falecidas no parto, crianças mortas, indivíduos assassinados e suicidas, por exemplo.

Ao dialogarmos com os escritos de Tácito (*Anais* II, 69: *carminat devociones et nomen Germanici plumbeis tabulis insculptum*), veremos que o autor destaca um caso de *feiticeira* efetuado contra o príncipe romano de Antioquia Germânico. O príncipe foi vítima de uma misteriosa doença que o levou à morte. Uma das suspeitas foi o uso de magia, por parte de seu pai adotivo Tibério, contra ele. Tácito aponta que:

No meio do entulho sinistro encontrado na divisão onde o príncipe se encontrava moribundo estavam placas de chumbo com o nome de Germânico inscrito sobre elas, misturadas com cadáveres humanos e outros objetos que geralmente se associam à sujeição de criaturas vivas aos poderes infernais (Tácito, *Anais*, II, 69).

Esse exemplo de maldição empregado contra Germânico, usando placas de chumbo, seria possivelmente um caso de *defixios*. As inscrições das lâminas ou tabletes visariam a fazer mal ao inimigo, agradecer aos deuses, suplicar as divindades e, em alguns casos, podemos observar práticas mágicas características da magia amorosa.

Podemos notar, nas práticas dos *defixiones*, uma forma de magia homeopática⁴⁵, definida pelo antropólogo Sir James Frazer em *La Rama dorada: Magia y Religion*. A

⁴⁴ Conforme CARNEVALE, Tricia Magalhães. *Katádesmos: Magia e vingança dos atenienses através dos mortos*. In: *Vida Morte e Magia no Mundo Antigo*, VII Jornada de História Antiga - UERJ. Rio de Janeiro. Ed: NEA – UERJ, 2008, p.90.

⁴⁵ Segundo Sir James George Frazer, a magia homeopática funcionaria através da lei da semelhança, na qual se produziria algo semelhante ao que se quer atingir. O que diferiria da magia contagiosa, a qual seria baseada na lei de contato. Nesta vertente um material, cujo

maneira de fazer a prática homeopática seria modelar uma imagem e assim atravessá-la com objetos perfurantes, amarrá-la ou até mesmo o ato de quebrá-las⁴⁶. A finalidade dessa prática mágica seria a de causar um dano a outra pessoa através de uma concretização de seu desejo na forma do objeto que será atingido. Os defixiones apresentam estas características, pois muitos, por exemplo, são perfurados para causar danos às pessoas.

O resultado de tal prática mágica não seria vista como uma simples coincidência na Antiguidade. George Luck⁴⁷ nos aponta que a crença em ações mágicas está baseada em que tudo que acontece em volta dos crentes seria atuação das forças sobrenaturais. Logo, nesta visão apresentada, se o indivíduo que foi alvo do defixios viesse a possuir algum problema, ele possivelmente haveria sido atingido pela magia dos tabletes de imprecação. Luck destaca que a magia pode ser vista como uma *maneira* dos indivíduos terem suas inquietações sanadas de forma rápida⁴⁸.

Luck se refere ao estóico Posidonio de Apamena (135 - 50 a.C) para destacar que este foi o primeiro a enunciar o conceito de simpatia cósmica. O conceito aponta para o fato de que tudo que acontece em uma parte do universo irá afetar a outra parte desse mesmo universo⁴⁹. Para esta *maneira de fazer* mágica, não importa o quão longe um indivíduo estiver do outro, pois ele será atingido da mesma forma, como no caso dos defixiones.

mago deteria poder que esteve junto ou fez parte de algo, mesmo distante fisicamente teria poder para atingi-lo. FRAZER, Sir James. La Rama dorada. Tercera edición en español. México: Fondo de Cultura Economica:1956, pp. 33 - 34.

⁴⁶ Ibidem, pp. 35 - 36.

⁴⁷ LUCK, George. Arcana Mundi: Magia y Ciencias Ocultas en el mundo Griego y Romano. Madrid. Ed: Gredos1995, p. 14.

⁴⁸ LUCK, George. Arcana Mundi: Magia y Ciencias Ocultas en el mundo Griego y Romano. Madrid. Ed: Gredos1995, p. 22.

⁴⁹ Ibidem, p.13.

As práticas dos tabletes de malefício na Península Ibérica

A Antiga Ibéria poderia ser vista como uma região onde havia uma multiplicidade de culturas existentes. Cada um dos grupos que povoaram o solo ibérico deixou importantes legados culturais para a região. Segundo Josep Corell, em 1980 foram encontrados, pelos arqueólogos, resquícios da religiosidade greco-romana, na Montaña del Castillo, em Sagunto. Alguns dos objetos descobertos formam um conjunto de lâminas de chumbo, com inscrições em latim que indicavam estar voltadas para fazer mal ao inimigo, semelhante às que já foram descobertas em outras regiões romanas e em Atenas⁵⁰.

Partimos do pressuposto de que o texto de malefício foi inserido em Saguntum através das interações culturais dessa região com os romanos. O epigrafista Josep Corell, em seus estudos, faz referencia ao possível fluxo romano que migrou para Sagunto⁵¹: *“Devido a sua fama e a sua excelente posição a beira do Mediterrâneo, parece que a região atraiu rápido os emigrantes de diversos povos do Império romano...”*.

Sobre a presença romana em Saguntum, Corell⁵² argumenta que a região veio a se transformar em uma Civita Foederata de Roma em aproximadamente 56 a.C, no período que tange em Roma a desarticulação do sistema republicano. Contudo, Corell frisa que não há um consenso na historiografia sobre o ano em que Saguntum foi elevado à categoria de *Municipium Romano*. Os cidadãos de Saguntum estavam inscritos na *tribus* Galeria, o que seria uma forma de registro para os romanos, de acordo com Corell. O

⁵⁰ Ver artigos dos pesquisadores: Prof^o Dr^o Artur Ribeiro; Prof^a Dr^a Maria Regina Candido e Prof^a Tricia Magalhães Carnevale.

⁵¹ Averiguar em CORELL, Josepl. *Invocada la Intervención de Iau en una defixio de Sagunto* (Valencia). *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*. Bonn, 2000, pg. 241.

⁵² Os apontamentos de acordo com, CORELL, Josep. *Inscripcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori)*. Vol.1. Valencia:Universidade de Valencia, 2002, pp.19-20.

autor destaca ainda que podemos perceber a hierarquia social existente na região saguntina por meio dos usos das imagens presentes no estudo numismático. As representações desta hierarquização que estão expostas nas moedas seriam de magistrados municipais, senadores, cavaleiros e sacerdotes dos estratos superiores⁵³.

Ao refletirmos sobre a condição de Saguntum como *municipium*, nos séculos I e II d.C, podemos apontar para um processo de assimilação cultural⁵⁴ da religiosidade romana na região. Tal apontamento se encontra ratificado na visão de Carmen Aranegui Gascó⁵⁵. Segundo a autora, no contexto da Segunda Guerra Púnica (218-202 a.C.), Roma intensificou suas relações com Sagunto enviando os cidadãos romanos para Saguntum. A presença romana teria levado a uma implantação de um modelo de organização social, religiosa e política que seria aproximado ao do romano, para assim assegurar a sua hegemonia na região Ibérica.

Dialogando com os pensamentos de Marco Tulio Cícero (106-43 a.C.), em (*De Natura Deorum*, II, 28), escrito em 45 a.C., o substantivo *religio* deriva do verbo *relegere*. Segundo Cícero, a “religião é aquilo que nos incute zelo e um sentimento de reverência por uma certa natureza de ordem superior, que chamamos divina”.⁵⁶ De acordo com os pensamentos de Cícero, nos é possível refletir sobre a religião como um culto, cujas regras existentes devem ser seguidas cuidadosamente. As idéias de Cícero foram fundamentadas possivelmente na visão de uma religião como a responsável pela manutenção das

⁵³ Ibidem, pp.24-25.

⁵⁴ Designa o processo que ocorre através dos contatos culturais possibilitando que os grupos adquiram um conjunto de novos traços culturais, que não são pertencentes sua matriz cultural. Conforme SILVA, Benedicto(org). Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986, p.89.

⁵⁵ Ver obra de GASCÓ, Carmen Aranegui. Sagunto y Roma, p. 02. Artigo Capturado em: 11/04/2009. <http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=12981>.

⁵⁶ Ver citação de Cícero, *De Inventione Rhetorica*, apud XAVIER, Marlon. O conceito de religiosidade em C. G. Jung *PSICO*, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 2, pp. 183-189, maio/ago. 2006, p.184

estruturas políticas, econômicas e sociais instituída pela Cidade-Estado, assim visando a impedir a desordem da área imperial. A religião oficial de Roma poderia ser pensada como uma *estratégia de poder*⁵⁷ para organizar as relações sociais tanto na Península Itálica como, posteriormente, fora dela.

A etimologia ciceroniana⁵⁸ para *religio* (*relegere* = 'observar escrupulosamente') denotaria como era fundamental, para a virtude de um cidadão romano, o culto da religião oficial. A magistratura de Roma estava ligada ao caráter sagrado da religião, demonstrando assim como a política e a religiosidade estavam intensamente vinculadas no pensamento dos romanos. Tal pensamento foi baseado nos escritos de Odile Wattel sobre a religiosidade em Roma. O historiador argumenta que, na religião romana, a função de maior autoridade religiosa pertencia aos magistrados. Segundo o autor, o senado “oficializava certos cultos estrangeiros, reprimia as superstições que colocavam em risco a segurança da unidade romana e consultava os Augures antes de reunir comícios ou promulgar leis.”⁵⁹

A expansão imperial romana no *municipium* de Saguntum parece ter gerado um aumento das interações comerciais, do uso do latim, de ritos, mitos e crenças na localidade. Como uma expressão deste contato cultural estabelecido, o que vemos seria a presença da magia dos tabletes de impreciação em Saguntum. As práticas dos defixiones

⁵⁷ A estratégia de poder seria uma ordem social elaborada pelas instituições em seu benefício. Tal estratégia visaria à manipulação das relações de forças na sociedade. Conforme CERTEAU, Michel. *Invenção do Cotidiano: 1 Artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p. 99.

⁵⁸ Verificar o segundo e terceiro parágrafos de LÓPEZ, Justo Fernández. *Etimología de la palabra latina religio*. Capturado do site: <http://culturitalia.uibk.ac.at/hispanoteca/Foro-preguntas/ARCHIVO-Foro/Religi%C3%B3n-religare-relegere.htm> Acessado em: 18/09/2009

⁵⁹ Verificar WATTEL, Odile. *As religiões grega e romana*. Lisboa: Europa-América: 1992, p.83

podem ser pensadas como um tipo de *tática*⁶⁰ dos saguntinos, para que eles obtivessem a solução para os seus desejos.

O epigrafista Artur Ribeiro nos apresentou, em seus estudos, as regiões ibéricas nas quais os treze defixiones foram encontrados. De acordo com o pesquisador, foram descobertos dois defixiones em Sagunto, um em Alcácer do Sal (antiga Salacia romana), um em Itálica, um em Emérita, um em Baelo Claudia, três defixiones na Ampurias, três na região de Córdoba e um em Barchín del Hoyo⁶¹.

Os estudos do epigrafista Josep Corell⁶² complementam os de Artur Ribeiro. Um ponto perceptível nos escritos do pesquisador são as *práticas* mágicas dos defixiones e as *maneiras de fazer* estes artefatos na Península Ibérica. Tais análises são encontradas nas obras *Invocada la Intervención de Iau en una defixio de Sagunto (Valencia, 1994)*, *Inscripcions romanes del país Valencià. V. I: Saguntum i el seu territori (Valência, 2002)* e *Drei Defixionum Tabellae aus Sagunt (Valencia). Aus: Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*. No primeiro artigo citado de Josep Corell, o autor tece uma análise sobre um defixio dedicado a um deus denominado de Iau, a quem Corell identifica como sendo o deus hebreu Yahwé. O segundo título se trata de um livro no qual se realiza uma catalogação de diversas inscrições encontradas na Província de Valência. No terceiro artigo, o autor demonstra as mensagens contidas em três lâminas saguntinas, que serão

⁶⁰ De acordo com Certeau, a *tática* é uma forma de se solucionar os problemas do cotidiano de acordo com os seus interesses, assim subvertendo uma ordem social, mas sem transformá-la. CERTEAU, Michel. *Invenção do Cotidiano: 1 Artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, pp. 47 – 94 -100.

⁶¹ Averiguar em RIBEIRO, Artur. *As tabellae defixionum: Características e propósito*. In Revista Portuguesa de Arqueologia, Lisboa, volume 9, nº02, 2006, pp.241-256

⁶² Ver CORELL, Josep. *Invocada la Intervención de Iau en una defixio de Sagunto (Valencia)* Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik. Bonn, 2000, *Drei Defixionum Tabellae aus Sagunt (Valencia)*. Aus: Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik, Bonn, 1994 e *Inscripcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori)*. Primeira edição. Volume I. Ed: Universitat de València. Valência: 2002.

Os defixiones que estamos analisando foram encontrados na Montaña del Castillo, em Sagunto, no ano de 1980⁶⁴. O método usado para compreensão da mensagem contida na lâmina de chumbo é o da análise do discurso mágico, que foi desenvolvido pelo Núcleo de Estudos da Antiguidade.⁶⁵

Fig. 04 - Imagem da Montaña del Castillo em Sagunto⁶⁶



Artur Ribeiro catalogou dois defixiones encontrados em Sagunto, como dito anteriormente. O defixios de nº 02, sobre o roubo da túnica de Lívia, foi apresentado por Josep Corell, sendo publicado somente em 1994, na obra *Drei Defixionum Tabellae aus*

⁶⁴ Segundo a Prof.^a Dr.^a Carmen Aranegui Gascó, Catedrática de Arqueologia da Universidade de Valência na Espanha, não se sabe o contexto arqueológico de descoberta das lâminas, pois não foram encontradas em uma missão de escavação oficial. As lâminas estavam nas mãos de um colecionador privado e foram devolvidas este ano para o Museu de Sagunto. GUASCÓ, Carmen Aranegui. Informações sobre a descoberta dos defixiones. Circulação restrita. 2009.

⁶⁵ Para cada defixios apontado neste trabalho há uma grade analisando o discurso das lâminas, favor ver nos anexos deste artigo as grades.

⁶⁶ Imagem captura do site: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Castillo02_Sagunto.JPG
Acessada em: 17/08/2009.

Sagunt (Valencia). Os cinco defixiones saguntinos apresentam uma forma de discurso mágico escrito em latim vulgar, que seria, possivelmente, um idioma usado no cotidiano de Sagunto; e a outra lâmina não apresenta nenhuma inscrição (defixios anepigráfico). Por meio da escrita e do discurso mágicos, os agentes envolvidos na elaboração da magia poderiam considerar que estavam materializando e eternizando, na memória dos deuses, os seus desejos.

A mensagem contida na superfície do tablete de imprecação foi analisada e depois situada em cada parte da grade, que se encontra nos anexos deste estudo. O método por nós aplicado visa a identificar e qualificar os elementos presentes no discurso, a verificar a situação comunicativa de súplica e imperativa, a situação sintomática e o destinatário do discurso mágico.

Podemos ressaltar que, na maioria dos casos, o solicitante da magia e o mago são elementos que não estão identificados nas lâminas. Por isso, uma hipótese é a de que estariam, assim, mantendo o sigilo sobre sua identificação. Contudo, este não é o caso dos defixios de nº 01 e 02, nos quais há a possibilidade de os nomes dos solicitantes estarem inscritos nas lâminas.

No defixios de nº 01, vemos um tipo de *imprecação contra ladrões*. Está é uma qualificação por nós adotada tomando por base as classificações de Fritz Graf⁶⁷. A lâmina foi encontrada na Montaña del Castillo, no lado oeste da antiga região de Sagunto (Valência), onde possivelmente existiria um santuário, dentro da antiga fortaleza saguntina⁶⁸. As medidas do tablete são: 11cm de altura por 19 cm de largura, e uma espessura de 0,15cm. A letra é cursiva e a inscrição foi feita em latim.

⁶⁷ Ver a obra de GRAF, Fritz. *La Magie Dans L'Antiquité Gréco-Romaine*". Ed: Les Belles Lettres. Paris: 1994, pp. 141- 142.

⁶⁸ CORELL, Josep. *Inscripcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori)*. Primeira edição. Volume I. Ed: Universitat de València. Valência: 2002, pp. 67- 70.

Fig. 05 - Lâmina de número 01, que está dedicada ao deus Iau⁶⁹.



• Cryse ligo auri po[...]II/	Cryse, dou ... libras de ouro/
• Rogat et a Iau dat pecunia quae a /	Roga e faz uma doação a Iau com a/
• me accepti Heracla conservus meus/	com a pecúnia que me subtraiu Heracla companheiro de servidão/
• ut insttetur uius senus, o[c]elus et/	para que fique afetado no peito e nos olhos/
• v]ires qicumqui sunt aride/	e que todas as suas forças fiquem atrofiadas/
• [...]m do pecuniam onori sacri/cola.	Dou também pecúnia ao mago pelo seu serviço.

O texto aponta para uma situação comunicativa de súplica composta por características expressas no texto, como o termo *roga e faz*, o que diverge do padrão grego imperativo. O discurso tradicional presente nas lâminas de imprecação gregas e romanas possui a sua *maneira de fazer* pautada na ação imperativa do mago com as

⁶⁹ A imagem do defixio foi extraída das seguintes obras : AE, **L' Année Epigraphique**, Paris, 2000. p. 795, HE P, **Hispania Epigraphica**, Madrid, 2004. p. 622, Artur Ribeiro. **As tabellae defixionum: Características e propósito**. In Revista Portuguesa de Arqueologia, volume 9, nº 02, 2006, pg.241.

divindades. Os termos geralmente presentes nas lâminas helênicas e romanas seriam: enterro, prendo, amarro, impreco, amaldiço⁷⁰.

Na *maneira de fazer* o defixios de nº 01 saguntino, o indivíduo roga a ação do deus em seu benefício, contra o ladrão. O solicitante oferece pecúnia ao deus Iau em troca do seu auxílio, para se vingar daquilo que lhe foi subtraído. Contudo, devemos reforçar que a posição do solicitante é de suplicante. Os verbos de enunciação pessoal empregados na primeira pessoa do singular deixam transparecer a participação do solicitante na prática mágica e os verbos de enunciação de súplica indicam que os desejos do solicitante estão sendo vinculados ao ritual realizado através do feiticeiro. A situação sintomática expressa sentimentos do solicitante, como ódio, raiva, rancor e vingança.

O epigrafista Josep Corell argumenta, em seus estudos, que o defixios de nº 01, da região de Sagunto, foi a inscrição na qual, pela primeira vez, se notou um culto ao deus Iau, na Península Ibérica. Estabelecendo um estudo lingüístico com o nome de Iau, o que podemos destacar seria que, ao ser passado do latim para o grego, o nome correspondente seria *Iaú*⁷¹. Na península, a divindade poderia ter sido chamada também de *Iáw*. O autor Corell relata que esses nomes poderiam vir a ser abreviações do nome do deus pertencente à cultura judaica, Yahwé. O autor levanta a hipótese de formação de comunidades judaicas na Ibéria desde o Alto Império Romano⁷². No entanto, devemos

⁷⁰ Ver os defixiones analisados por Maria Regina Candido, em “*A Feitiçaria na Atenas Clássica*”, Rio de Janeiro: Letra Capital/FAPERJ, 2004, pp.107-113 ou Daniel Ogden, em “*Magic, Witchcraft, and Ghosts in the Greek and Roman Worlds: A Sourcebook*. New York: Oxford University Press, 2002, pp. 246-251.

⁷¹ F.Gascó, J. Alvar, D. Plácido, B. Nieto y M. Carrilero, *Noticia de una inscripción griega inédita*, Gerión 11, 1993, 327–335.

⁷² Conforme CORELL, Josepl. *Invocada la Intervención de Iau en una defixio de Sagunto* (Valencia). Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik. Bonn, 2000, p.245.

salientar que há uma escassez de dados concretos sobre a presença das comunidades judaicas em Saguntum nos séculos I e II d.C, como o autor apontou em seus escritos⁷³.

Dialogando com os estudos de Ginzburg sobre Manzoni, na obra *A Micro História e Outros Ensaios*, almejamos preencher as lacunas em torno do deus Iau, a partir de um ponto de vista alternativo sobre esta divindade. O autor aborda o tema das provas e possibilidades realizado por Natalie Zemon Daivis⁷⁴ e nos possibilita refletir que o historiador enriquece os seus estudos ao interagir as documentações com as possibilidades históricas. Ginzburg faz inferência aos escritos de Manzoni no que diz respeito a “*Não deixa de vir a propósito observar que também do verossímil a história se pode algumas vezes se servir, porque o faz segundo a boa maneira...*” Ainda interagindo com os pensamentos de Manzoni⁷⁵: “*Faz parte da pobreza do homem o não poder conhecer mais do que fragmentos daquilo que já passou(...); e faz parte da sua nobreza e da sua força conjecturar para além daquilo do que se pode saber*”. Após o diálogo estabelecido com os autores acima, almejamos apontar para uma possibilidade histórica sobre a presença de Iau no território saguntino.

Segundo José María Blázquez Martínez, em seu artigo *Panorama general de la presencia Fenicia y Púnica en España*⁷⁶, “a chegada de elementos fenícios, que vieram ao sul da Península Ibérica remonta a 1100 a.C. pelo que apontam unanimemente todas as fontes antigas sobre o que seria a data certa” (*Mela 3, 46; Plin., [-17-] NH 16, 216; Str. 1, 3, 6; Vell. 1, 2, 3*)”. As presenças dos deuses e mitos fenícios em solo Ibérico deixam

⁷³ Ibidem, pp.246-247.

⁷⁴ Ver o capítulo VI de GUINZBURG, Carlo (org). *A Micro – História e Outros Ensaios*. Tradução: António Narino. Ed: Difel. Lisboa, 1991, pp. 179 – 202.

⁷⁵ GUINZBURG, Carlo (org). *A Micro – História e Outros Ensaios*. Tradução: António Narino. Ed: Difel. Lisboa, 1991, pp. 197 – 198.

⁷⁶ Ver em: MARTÍNEZ, José María Blázquez. *Panorama general de la presencia Fenicia y Púnica en España*. Artigo publicado na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Alicante, 2004. Acessado em: 03/03/2009. Site:

<http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=13250&portal=33>

transparecer que os contatos culturais entre os fenícios e os ibéricos são muito antigos. Martínez, na obra *La religión de los pueblos de la Hispania Prerromana*, nos indica o culto à deusa fenícia Astarté, na região do Carambolo⁷⁷, entre uma outra pluralidade de deuses fenícios que foram inseridos na Hispania.

A região de Saguntum provavelmente manteve contatos comerciais e culturais com diversas regiões do mediterrâneo, e assim poderia ter absorvido deuses não somente romanos. Josep Corell corrobora com esta idéia ao mencionar que⁷⁸: “...*uma sociedade diversificada, como era a saguntina, deveria venerar também a outras divindades mais ou menos toleradas por Roma, ainda que não fizessem parte do seu panteão oficial.*” Uma divindade oriental cultuada em Saguntum foi a deusa egípcia Isis Pelagia, por exemplo.⁷⁹

Ao pensarmos sobre como a cultura religiosa fenícia teria se difundido pela Ibéria, se faz necessário o estabelecimento do dialogo com a Geografia Cultural. Segundo Zeny Rosendahl⁸⁰, a difusão da fé e das crenças seria um processo que ocorreria através dos fluxos migratórios dos indivíduos. Através dos contatos culturais, os grupos que migraram de um lugar estariam levando, para as regiões em que iram se estabelecer, as suas práticas mágico-religiosas, e tal encontro poderia transcorrer de modo conflituoso ou não. Sobre o movimento migratório fenício e púnico realizado para a Hispania, podemos pensar que uma divindade como Yaw poderia ter sido inserida na cultura regional ibérica. A Enciclopédia “Nation Master”⁸¹ nos chama a atenção para o fato de que o nome de

⁷⁷ Região pertencente à província de Sevilla na Espanha.

⁷⁸ Confrontar a citação em CORELL, Josep. *Invocada la Intervención de Iau en una defixio de Sagunto* (Valencia). *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*. Bonn, 2000, p. 241.

⁷⁹ Sobre a Isis Pelagia, Corell faz inferência a F. Arasa i Gil, na obra: *Inscripción de Isis Pelagia*, en AA. VV., *Saguntum y el mar*, Valencia 1991, pp.35–36.

⁸⁰ Cf.: ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: Uma abordagem geográfica*. Edição: 2ª. Rio de Janeiro: EdUERJ/NEPEC. 2002, 50 - 53.

⁸¹ Capturado do Site: [http://www.nationmaster.com/encyclopedia/Yaw-\(god\)](http://www.nationmaster.com/encyclopedia/Yaw-(god)). Acessado em 02/03/2009

Yaw se aproximaria de **Yam** e **Yamm**. Refletindo sobre as idéias de S. H. Hooke, na obra “*Middle Eastern Mythology*”, assim como nos pensamentos de K. van der Toorn, Bob Becking e Pieter Willem van der Horst em seu livro “*Dictionary of Deities and Demons in the Bible DDD*”, Yaw assumiria os atributos de deus do mar indomável, dos rios e do caos.

Na narrativa mítica do Épico de Baal⁸², podemos observar que o deus rivalizou com Yaw, por este último tentar usurpar-lhe o trono. Yaw, que havia sido adotado pelo deus El, acabou por se transformar em um tirano, oprimindo aos deuses. Na luta de Baal para libertar os seus irmãos e a sua mãe (deusa Asherah), acaba vencendo e assegurando o seu trono junto aos deuses. As características de Yaw como deus do caos, da destruição e a sua ligação com o mundo dos mortos se assemelham às características ctônicas⁸³ das divindades gregas evocadas na magia dos defixiones. Pulleyn⁸⁴, em seu artigo “*What the defixiones tell us of the ancient world*”, destaca que as divindades eram evocadas porque a qualidade ctônica era vista como obscura e misteriosa.

Desta forma, através da relação entre a magia e o mito, podemos compreender a motivação do emprego de uma divindade fenícia na lâmina de chumbo. Apontamos para uma nova possibilidade de análise histórica da divindade, podendo ser Yaw o deus citado pelo defixio, tanto pela proximidade sonora e filológica do nome da divindade (Yaw - Ιαύ – Jaó - Iau), como pelos atributos que esta divindade possuía ao ser evocado em um defixio. Além destes fatores, temos as consideráveis migrações de fenícios desde 1100 a.C., que

⁸² NIDITCH, Susan. War in the Hebrew Bible: a study in the ethics of violence. Oxford University Press US, 1995, pp. 38 – 39. Ou nos sites:

<http://www.geocities.com/SoHo/Lofts/2938/baaliam.html#14> ou no Site:

[http://www.nationmaster.com/encyclopedia/Yaw-\(god\)](http://www.nationmaster.com/encyclopedia/Yaw-(god)). Ambos acessados em: 28/02/2009.

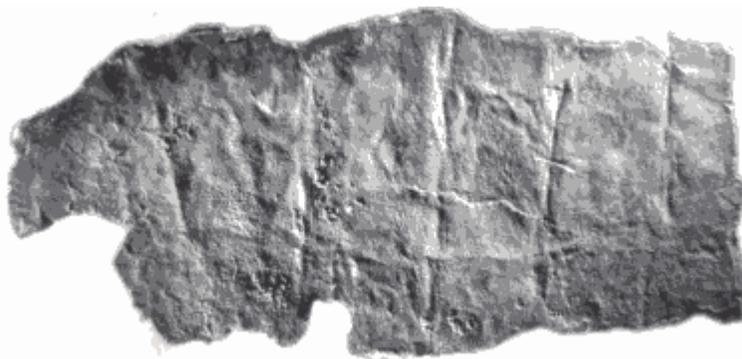
⁸³ O termo ctônico está relacionado com divindades subterrâneas que transportavam e/ou acompanhavam as almas até o mundo dos mortos.

⁸⁴ *Learning from curse tablets: what the defixiones tell us of the ancient world*. Acessado em: 27/02/2009. Site: <http://www.pinktink3.250x.com/essays/tablets.htm>.

acabaram por levar uma pluralidade de deuses a serem englobados à cultura religiosa fenícia para a Hispania⁸⁵.

No que tange ao defixios de número 02⁸⁶, percebemos que se trata de uma imprecação contra um possível adversário. Contudo, a motivação para a solicitação da magia não está presente no discurso da lâmina. A divindade evocada seria o deus Iau, o mesmo que aparece no defixios de nº 01⁸⁷. O artefato arqueológico se encontra em coleção particular e a sua datação, segundo Corell, seria de aproximadamente final do séc. I e início do séc. II d.C. O tablete foi encontrado no mesmo sítio arqueológico que a primeira lâmina.

Fig. 06 - Lâmina de número 02, que está dedicada ao deus Iau⁸⁸



⁸⁵ Sobre a presença fenícia na Hispania ver os estudos de MARTÍNEZ, José María Blazquez. El impacto de la religion semita, fenícia y cartagineses en la religion ibera. In: Mitos, Dioses, héroes, en el Mediterráneo antiguo. Madrid: Real Academia de História, 1999, pp. 241 – 304 ou CARRASCO, José Luis Escacena. Fenícios a Las Puertas de Tartessos. Complutum, nº: 12, 2001, pp. 73 – 96.

⁸⁶ O defixios de número 02 possui uma grade de análise de seu discurso mágico. Ver anexos 2, na monografia de conclusão de curso de graduação de Carlos Eduardo da Costa Campos, a qual foi intitulada: *As Tabellae Defixionum de Sagunto: As práticas da magia e as interações culturais na Península Ibérica (séc. I e II d.C.)*.

Capturada do site:

<http://www.nea.uerj.br/publica/monografias/MonografiaCarlosEduardodaCostaCampos.pdf>

⁸⁷ Quanto à divindade evocada ver as pp. 60 a 65, deste artigo.

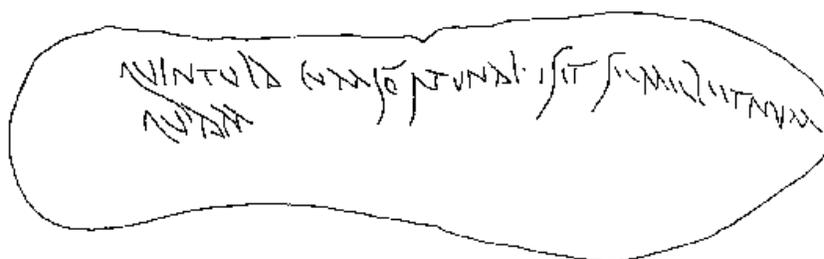
⁸⁸ CORELL, Josep. Inscripciones romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori). Primeira edição. Volume I. Ed: Universitat de València. Valência: 2002, p. 71.

Face A:	
- lao (?) (ad marginem sinistrum) Rogat uti manudatum/	lao o rogo fervorosamente/
- qe[que m]enta a tibi commendo/	O confio cada um dos membros/
- ani[ma] vul[tus] venter Eterionis Au- lia[ni?] fili/	O anima, a cara, o ventre de Eterionis filho de Aulia./
- in omni ira da dis infe- [ris]	Entrega aos deuses infernais com toda cólera/
- rog[at ora]t et querit ut pecus [-c.12-]qures qu[o]d [-c.5-] [- c.13-] ita [- c. 9 -]	Solicito, rogo e imploro. Como este animal... ... do mesmo jeito que...
Face B:	
- Fulvilla rogat quod	Fulvilla roga que a boca
Os, manus, digitus, autres, Vox	As mãos, os dedos, as orelhas, a voz,...

A lâmina apresenta em suas medidas: 7,5 x 16,5 x 0,2 cm. As letras medem 0,5 cm; em letra cursiva e texto em latim, com diversos pontos em que a inscrição aparece apagada devido ao desgaste do defixios pela ação do tempo. A solicitante da magia possivelmente estaria na face B do tablete, devido ao nome de Fulvilla ser citado, como rogando ao deus. Quanto ao nome da vítima, ele fica mencionado na face A da inscrição, sendo denominado de Eterionis, o filho de Aulia. O corpo do alvo da magia poderia ser pensado como o objeto no qual o encantamento pretenderia atuar. As partes do corpo que o solicitante da magia pretenderia atingir na vítima da imprecisão são: o anima, o rosto, o ventre, as mãos, os dedos, as orelhas e a voz. Logo, podemos supor que, atingido os pontos vitais do alvo da imprecisão, a solicitante almejava levar o seu adversário à morte. A situação sintomática que teria levado Fulvilla a solicitar a magia seria o ódio contra Eterionis, como vemos na quarta linha da lâmina.

Ao analisarmos o defixios de nº 03⁸⁹, podemos constatar a utilização da magia das *tabellae defixionum* para intervir numa possível relação amorosa⁹⁰. A lâmina apresenta em suas medidas: 6,5 x 17,7 x? cm. As letras medem 0,5 cm; em letra cursiva e texto em latim. O defixios seria datado de, aproximadamente, séc. I d.C. Artur Ribeiro salienta que esse defixios é referente a uma competição amorosa. A prática dos tabletes imprecatórios visaria a influenciar, por meios sobrenaturais, as pessoas ou os atos de outros contra as suas próprias vontades – no caso, o acontecimento de uma separação⁹¹.

Fig. 07 - Lâmina de número 03, que seria um defixios amoroso⁹²



<i>Qvintula cum Fortunali</i>	“Que Quintula e Fortunalis
<i>sit semel et num-quam</i>	nunca se encontrem!”

A historiadora Maria Regina Candido⁹³ tece um estudo sobre os defixiones amorosos, em sua obra *A Feitiçaria na Atenas Clássica*. Candido precisa que esta

⁸⁹ O defixios de número 03 possui uma análise de seu discurso mágico, Op. Cit nota 86, ver anexo 3.

⁹⁰ O defixios de nº 03 pode ser encontrado em: CORELL, Op. cit, nota 88, pp. 75-76.

⁹¹ Conforme RIBEIRO, Artur. *As tabellae defixionum: Características e propósito*. In Revista Portuguesa de Arqueologia, Lisboa, volume 9, nº02, 2006, p.252.

⁹² CORELL, Josep. *Inscripcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori)*. Primeira edição. Volume I. Ed: Universitat de València. Valência: 2002, p. 75.

modalidade imprecatória visa a manter ou reaver o objeto de desejo. Assim, o indivíduo busca o apoio do mago para que ele, na *maneira de fazer* o tablete de imprecção ou de outros encantamentos, o ajude.

Segundo Josep Corell, Quintula é um cognome que aparece na Espanha somente neste defixios. O autor aponta que Quintula era um cognome conhecido nas regiões africanas; e Fortunalis seria um cognome conhecido na Península Ibérica. Dialogando com o autor, vemos a presença de cinco referências a este nome. Para Josep Corell, o cognome Fortunalis presente na lâmina se referiria a um indivíduo do sexo masculino⁹⁴.

Corell salienta também que foram encontradas moedas dentro do defixio que estava dobrado, o que poderia significar algum tipo de pagamento prévio à divindade⁹⁵. O objeto da ação mágica seria a própria relação de Fortunalis e Quintula. O solicitante buscou no mago uma *maneira de fazer* o possível casal se afastar, através das práticas mágicas.

O filólogo Fritz Graf, ao esquematizar os tipos de defixiones, faz uma breve observação sobre o defixios amoroso. Segundo o autor, o tablete imprecatório poderia não somente separar um casal no caso de uma competição amorosa, como também despertar um amor recíproco na pessoa desejada⁹⁶.

⁹³ Ver obra de CANDIDO, Maria Regina. A Feitiçaria na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: Letra Capital/FAPERJ, 2004, p. 82.

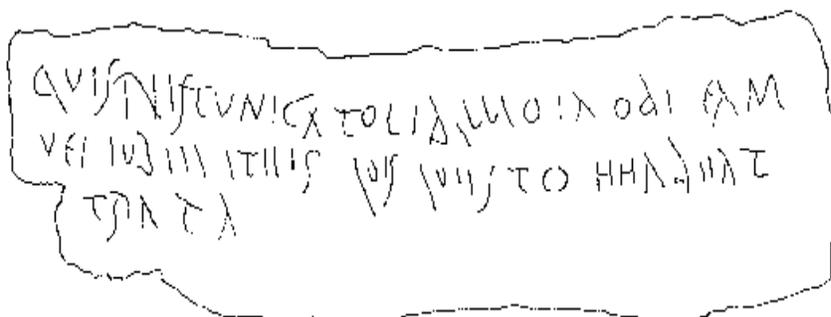
⁹⁴ Segundo CORELL, Josep. Drei Defixionum Tabellae aus Sagunt (Valencia). aus: Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik n° 101,1994, p. 281.

⁹⁵ Averiguar em CORELL, Josep. Drei Defixionum Tabellae aus Sagunt (Valencia). aus: Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik n° 101,1994, p. 282.

⁹⁶ Ver GRAF, Fritz. “La Magie Dans L’Antiquité Gréco-Romaine”. Ed:Les Belles Lettres. Paris:1994, p. 213.

No defixios de número 04⁹⁷, por nós estudado, veremos a utilização da prática do *Katádesmos* devido a um roubo sofrido por Livia. Não existe uma certeza de que, neste defixios, o solicitante seja a própria Livia citada no defixios ou outra pessoa realizando a magia para vingá-la⁹⁸. Josep Corell precisa que a lâmina é muito fina. Possuía 5 cm de altura e 17,5 cm de largura. As letras contidas no texto são de aproximadamente 0,5 centímetros de altura e as inscrições apresentariam a sua mensagem em latim. O texto haveria sido escrito em três linhas e depois a lâmina teria sido dobrada nove vezes⁹⁹.

Fig. 08 - Lâmina de número 04, que seria um defixios contra roubo¹⁰⁰



<i>Quis res túnica tulid e Livia (?), obi eam /</i>	<i>"Àquele(a) que as coisas e a túnica de Livia roubou, persiga/</i>
<i>vel ium, ite is quis questo {h}habeat / trata</i>	<i>e também aos que disso tiraram benefício."</i>

⁹⁷ O defixios de número 04 possui uma grade de análise de seu discurso mágico, Op. Cit nota 86, ver anexo 04.

⁹⁸ Quanto a localização do tablete de nº 04 verificar em : CORELL, Josep. *Drei Defixionum Tabellae aus Sagunt (Valencia). Aus: Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik, Bonn, 1994, p. 283.*

⁹⁹ Pesquisar informação em CORELL, Op. cit., nota 96, pp. 282-283.

¹⁰⁰ CORELL, Josep. *Drei Defixionum Tabellae aus Sagunt (Valencia). aus: Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik nº 101, 1994, p. 283.*

Visando a uma melhor compreensão da mensagem deste defixios, foi realizada, pelo classicista Gabriel Soares¹⁰¹, uma análise mais aprofundada sobre a inscrição. O referido professor fez um estudo sobre o texto da lâmina apontando para vários problemas. O primeiro ponto seria a linguagem informal utilizada, pois há mais de dez desvios gramaticais, como Soares atestou ao traduzir o defixios. O tradutor, através da leitura do texto, corrobora a visão de Corell de que o defixios tenha sido produzido ao final do séc. I d.C ou no séc. II d.C. Para Soares, a tradução que está expressa nesta página seria a mais próxima do sentido original. Houve, nela, uma eliminação dos possíveis erros gramaticais, sendo mantidas, contudo, as características (de não dizer se é homem ou mulher a pessoa que efetuou o roubo, etc.).

O nome do mago não é dito na lâmina. O feiticeiro poderia, através da ação mágica dos defixiones, evocar uma divindade ou um espírito, para que eles pudessem perseguir a pessoa que roubou a solicitante e aquelas que se apropriaram dos pertences roubados. O objeto-alvo da magia seria o produto do roubo de Livia, para que quem o possuísse fosse atingido pela maldição. O tom da comunicação do mago com a divindade difere do defixios nº 01 e 02, por nós analisados. A situação comunicativa com a divindade ou espírito não seria a de súplica, mas sim a imperativa, exigindo que se perseguisse o autor do roubo. O defixios de nº 04 se aproxima do modelo grego de impreciação, ao ordenar as potências sobrenaturais que realizem o desejo do solicitante.

O nome Livia, presente na lâmina, nos lembra do contato entre romanos e iberos na região ibérica, pois Livia é um nome de origem romana. Na Península Ibérica, veremos

¹⁰¹ SOARES, Gabriel S. Tradução do defixio de nº: 04. Rio de Janeiro: circulação restrita, 2009

uma importante família com este nome, na Bética¹⁰². M. Morales Cara criou uma tabela indicando as principais famílias da Península Ibérica nos séculos II, I a.C e I d.C. e, por meio dela, mostra que, na cidade de Astigi, a família Livia possuiria grande prestígio e poder¹⁰³.

O defixios de nº 04 possui uma similaridade com o de nº 01, pois ambos tratam de imprecações devido aos roubos de que as vítimas foram alvo. Um ponto interessante é a ausência do nome da divindade evocada. Contudo, mesmo não havendo o nome da potência sobrenatural citada na lâmina, podemos inferir que o mago possuía uma convicção de que a divindade iria atender os seus comandos. Segundo Candido¹⁰⁴, isto aconteceria possivelmente pelo fato de os praticantes da *mageia* possuírem um saber e um poder a eles conferido por uma divindade. Assim, sua ação possuía um sentido e uma técnica que produziram a confiança na eficácia da magia.

O historiador George Luck, em *Arcana Mundi*, afirma que o domínio do mago sobre as divindades aconteceria por ele ser o detentor de um conhecimento, como o nome real de uma divindade ou de uma fórmula que estabelece o contato com uma deidade – assim compreendemos a sua convicção na eficácia de suas práticas¹⁰⁵.

Na *tabellae defixionum* de número 05, o que veremos será apenas a menção de nomes na lâmina¹⁰⁶. A sua procedência seria do declive meridional da Montaña del Castillo, entre a Praça das Armas e o Cemitério de Sagunto, na Espanha. O local de

¹⁰² CARA, Manuel Moralez. *La esclavitud en las colonias romanas de Andalucia*. Granada, 2005, p. 701. Acessado em 26/04/2009. Capturado do site: <http://hera.ugr.es/tesisugr/15434928.pdf>

¹⁰³ Ibidem, p. 709.

¹⁰⁴ CANDIDO, Maria Regina *Magia do katádesmos: téchne do saber-fazer*. In: Revista *Hélade* nº03, 2002, p. 28.

¹⁰⁵ LUCK, George. *Arcana Mundi: Magia y Ciencias Ocultas en el mundo Griego y Romano*. Madrid. Ed: Gredos1995, pp. 11-14 - 15.

¹⁰⁶ Averiguar a grade de análise 05, Op. Cit nota 86, ver anexo 5.

descoberta seria próximo ao lugar onde a lâmina 03 havia sido encontrada, de acordo com os relatos de Josep Corell¹⁰⁷.

A motivação para a realização da imprecação não se faz presente no discurso da lâmina. A sua datação seria de, aproximadamente, século. I d.C. Como todas as outras lâminas, o artefato se encontra em propriedade privada. As medidas do defixios são: 17 x 18 x 0,15 cm. As letras medem 0,35cm; em letra cursiva, utilizando a escrita em latim. O defixios apresenta, em sua inscrição, somente os nomes: Tropae, Argus e Sym?/perusa.

Fig.09 - Lâmina de número 05, somente com nomes inscritos¹⁰⁸



- [---] Tropae (!)	... Trope, ...
- Argus * Pa-	Argus, Pa-...
-----? - [--- Sym?/perusa	Simferusa (?) ---

¹⁰⁷ CORELL, Josep. Inscipcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori). Primeira edição. Volume I. Ed: Universitat de València. València: 2002, pp. 77- 78.

¹⁰⁸ CORELL, Josep. Inscipcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori). Primeira edição. Volume I. Ed: Universitat de València. València: 2002, p. 77.

No que se refere ao último defixios, catalogado por nós como de número 06, o que podemos destacar é sua peculiaridade. A lâmina apresenta a característica de ser anepigráfica e sua procedência é a mesma do tablete de número 01. A *tabellae defixionum* se encontra datada como pertencente ao século I ou II d.C. e suas medidas são: 4,6 x 17,7 x 0,1 cm. No catálogo de Jose Corell, não há imagem do tablete.

Após o estudo dos defixiones, percebemos que as práticas mágicas ibéricas podem ser analisadas como compostas por uma multiplicidade de elementos culturais, desde os nativos da região até as relacionadas aos gregos, romanos, fenícios e egípcios. Os grupos acima mencionados contribuíram, com seus saberes mágico-religiosos, direta ou indiretamente para a produção de diversas modalidades de práticas de magia, como as *tabellae defixionum* e os cultos de mistérios, na Antiga Península Ibérica.

Diante destas considerações realizadas sobre a magia dos defixiones, vemos que a *tática* usada envolveria, na sua *maneira de fazer*, o contato com as divindades ou com os mortos, potências sobrenaturais sobre as quais o mago deteria certo tipo de conhecimento. Os indivíduos estariam subvertendo a *estratégia*¹⁰⁹ romana de ordem social, de dentro dela, e sem com isso modificá-la ou rompê-la. A *maneira de fazer* as *tabellae defixionum* de Saguntum seria uma *bricolagem*¹¹⁰, que aconteceria por meio da apropriação de elementos pertencentes à cultura religiosa fenícia e do uso do latim na escrita mágica. Em suma, os saguntinos poderiam modificar uma situação desvantajosa

¹⁰⁹ A estratégia de poder seria uma ordem social elaborada pelas instituições em seu benefício. Tal estratégia visaria à manipulação das relações de forças na sociedade. Conforme CERTEAU, Michel. *Invenção do Cotidiano: 1 Artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p. 99.

¹¹⁰ *Ibidem*, p.40. A bricolagem para Michel de Certeau seria caracterizada por ser o produto da apropriação por um grupo, de elementos pertencentes a culturas alheias, de acordo com os seus interesses.

para eles através da *maneira de usar*¹¹¹ os defixiones, para solucionar os seus problemas cotidianos.

¹¹¹ A maneira de usar são as formas que determinadas práticas como a magia são empregadas no cotidiano da sociedade.
CERTEAU, Michel. Invenção do Cotidiano: 1 Artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p. 39.

Referências Bibliográficas:

BEARD, Mary; NORTH, John e PRICE, Simon. *Religions of Rome, volume 2- A Sourcebook*. Cambridge: University Press, 2008.

CANDIDO, Maria Regina. *Magia do katádesmos: téchne do saber-fazer*. In: Revista *Hélade* nº03, 2002.

_____. *A Feitiçaria na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: Letra Capital/FAPERJ, 2004.

CARNEVALE, Tricia Magalhães. *Katádesmos: Magia e vingança dos atenienses através dos mortos*. In: *Vida Morte e Magia no Mundo Antigo, VII Jornada de História Antiga - UERJ*. Rio de Janeiro. Ed: NEA – UERJ, 2008.

CORELL, Josep. *Invocada la Intervención de Iau en una defixio de Sagunto* (Valencia). *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*. Bonn, 2000.

_____. *Inscripciones romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori)*. Vol.1. Valencia:Universidad de Valencia, 2002.

CERTEAU, Michel. *Invenção do Cotidiano: 1 Artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

FLINT, V.; GORDON, R.; LUCK,G.; OGDEN, D. *Withcraft and Magic in Europe: Ancient Greece and Rome*. London: The Athlone Press, 1999.

FRAZER, Sir James. *La Rama dorada*. Tercera edición en español. México: Fondo de Cultura Economica:1956.

LUCK, George. *Arcana Mundi: Magia y Ciencias Ocultas en el mundo Griego y Romano*. Madrid. Ed: Gredos1995.

OGDEN, Daniel. *“Magic, Witchcraft, and Ghosts in the Greek and Roman Worlds: A Sourcebook*. New York: Oxford University Press, 2002.

PULLEYN. Simon *‘Prayer In Greek Religion.’* Oxford: Clarendon Press: 1997.